

# Cinema vira cortiço para 100 famílias

*Lina de Albuquerque*

SÃO PAULO — Quando a pequena porta de abre, na altura do número 1564 da avenida Celso Garcia, na zona leste de São Paulo, a cena é surrealista. Num local que já foi cinema está agora armado um labirinto sombrio onde mais de 100 famílias vivem amontadas em 71 cubículos de aproximadamente 3x2 metros cada um. Hoje, os inquilinos aguardam a chegada do dono dessa cidade de estreitos corredores sem ventilação para a cobrança de um aluguel variável entre Cz\$ 20 e Cz\$ 30 mil por cubículo. O proprietário é conhecido apenas por Paulo, um senhor barbudo e gordinho, de quem os inquilinos não conhecem sobre-nome ou endereço.

“Esse tipo de situação irregular é muito comum na região central da cidade, onde existem mais de três milhões de encortiçados”, diz o vereador eleito pelo PT Adriano Diogo, participante do movimento dos sem-terra. Sem nenhuma formalização legal, o proprietário elege um intermediário para cuidar do cortiço e pressionar o pagamento dos moradores, e em troca oferece a ele moradia de graça. Para esse papel, na avenida Celso Garcia, serviu-se José Benedito dos Santos, casado e dois filhos, apelidado pelos vizinhos de *Marajá*. Ele garante que também desconhece maiores informações sobre o dono do antigo cinema.

“Vivemos todos numa garrafa tampada”, reclama a doméstica Maria da Conceição, 38 anos, casada com um carregador de caminhão. Como era domingo e fazia sol, ela acordou ontem mais cedo e enfrentou meia-hora de fila para poder

lavar as roupas. A fila para os dois únicos precários banheiros que servem os inquilinos é muito mais demorada: uma hora de espera, no mínimo. “Meu marido se embriagou”, disse ela, apontando para o homem estendido na cama, “porque amanhã é dia de pagamento”. Há quatro anos, em consequência do incêndio de outro cortiço onde morava, o casal teve de se mudar para a Celso Garcia. “Apanhei uma bronquite danada aqui e ando com umas alergias esquisitas”, disse, mostrando o braço empipocado.

Outra inquilina, a também doméstica Maria José da Silva, 39 anos, contou que seus dois filhos apanharam a mesma alergia. “Nunca limpam caixa d’água e saímos quase mais sujos do banho do que quando entramos”, protesta ela que ganha exatamente o que paga para morar num quartinho onde não entra luz e impregnado do cheiro de urina do banheiro vizinho: Cz\$ 20 mil. Separada do marido, é a sua mãe, que mora em Pernambuco, quem lhe envia mensalmente uma complementação do pagamento.

Quando chove, o cortiço se inunda completamente. As pessoas mais idosas não saem do quarto nessas ocasiões porque podem escorregar, como já aconteceu algumas vezes, e quebrarem a perna. Por causa do excesso de umidade do seu quarto o ajudante de fundição de metalurgia, Elias da Silva está constantemente gripado. Ele protestou que as brigas entre os moradores ocorridas durante a noite atrapalham o sono de seus filhos. As roupas dos moradores mais cuidadosos são penduradas em varais improvisados dentro das próprias casas, para não serem roubadas.